

EDITORIAL

Interfaces da missão na América Latina

Realizamos o 6º Encontro do Centro de Estudos Misionários Latino Americano (CEMLA) na Casa Xaveriana de Zarco, na Cidade do México, de 19 a 23 de fevereiro de 2018. Estavam presentes os xaverianos e as xaverianas do Brasil Sul: Rafael Lopez Villaseñor, Estêvão Raschietti e Elisabete Miguel Espinhara; do Brasil Norte: Xavier Martinez e Tea Frigerio; do México: Gerardo Custodio, Franco Benigni e Elisa Silva Sánchez.

Fomos bem acolhidos pelo reitor da casa Pe. Agustin Albor Ortiz, e bem recebidos pelo Superior Regional Juan Antonio Flores Osuna, o qual nos sugeriu de elaborar pistas de reflexão no final de cada artigo, com o objetivo de envolver os irmãos e as irmãs num debate comum sobre os assuntos abordados.

Acatando de bom agrado esta proposta, começamos, então, apresentando os trabalhos que realizamos ao longo do último ano, sob a perspectiva do tema “Rostos religiosos e culturais da América Latina”, estabelecido no encontro anterior em Curitiba, Brasil, em março de 2017. No decorrer das exposições e das discussões, percebemos de estarmos falando das diversas *interfaces da missão* na América Latina e a partir da América Latina, na medida em que os diferentes rostos se tornavam protagonistas, e ao mesmo tempo âmbito (*locus theologicus*) da missão evangelizadora.

Tea Frigerio dissertou sobre “*Visibilizar a quem a história invisibiliza*”, na ótica do Segundo Isaias. O profeta não tinha nenhum programa proselitista: ele somente queria dar voz a quem a história silencia e ao fazer isso dá voz ao Deus da vida.

YHWH é um Deus único de muitos rostos, que liberta, dá vida e condena a multiplicidade de deuses legitimadores do sistema que escraviza.

Elisa Silva Sánches apresentou a figura de Junipero Serra (1713 – 1784), frade franciscano que fundou missões em Queretaro e Califórnia, e que lutou pelos direitos dos povos indígenas junto às autoridades espanholas. Hoje os pobres que precisam ser reconhecidos em seus direitos são os migrantes: o México é a segunda nação com mais migrantes do mundo.

Geraldo Custodio Lopez continuou sua reflexão sobre o evento guadalupano em conexão com a cultura e as raízes religiosas astecas. A dominação espanhola significou destruição de toda uma civilização, enquanto a aparição do Tepeyac, uma razão para continuar vivendo.

Franco Benigni abordou o surgimento da Teologia Índia, seu método teológico e seus principais expoentes, como exemplo de teologia com rosto próprio, assim como o Vaticano II auspiciava, comparando alguns elementos de metodologia teológica úteis para o diálogo.

Passamos, portanto, ao âmbito da metrópole contemporânea. Segundo Javier Martinez, a cidade latino-americana é uma encruzilhada que nos convida a descobrir o rosto urbano de Deus: nela coexistem a cultura pré-moderna, moderna e pós-moderna.

Para Rafael Lopez Villaseñor, os principais desafios da atualidade emanam da cultura urbana. O texto analisa as interfaces da metrópole a partir da multiplicidade cultural e religiosa, tentando responder à pergunta: quais são os desafios da pluralidade cultural e religiosa da cidade?

Elisabeth Espinhara nos fala do desafio especial e muito importante da juventude, em particular do rosto da juventude católica brasileira, enfatizando os esforços de aproximação e de encontro impulsionados pelo Papa Francisco. O chamado missionário ainda representa um forte atrativo para os jovens dar voz à própria inquietude.

Enfim, Estêvão Raschietti faz memória dos 50 anos da conferência de Medellín. Esse evento “mãe” da Igreja conciliar na América Latina, traça os eixos fundamentais para uma missão orgânica, contextual e decolonial, expressão original e criativa de um Continente que olha para sua história como “intimamente vinculada à história de salvação”.

* * *

Refletindo sobre as diversas interfaces da missão na América Latina e a partir da América Latina, constatamos que a palavra “missão” é usada em sentido amplo e paradigmático, a caracterizar a natureza estruturante da Igreja e a dinâmica que permeia todas suas atividades, segundo os ensinamentos do Vaticano II, a postura fundamental de Aparecida e o forte impulso do magistério de Francisco.

Os institutos missionários *ad gentes* não devem ter medo e nem ciúme dessa generalização: “se tudo for missão, nada é missão”. Pelo contrário, deveriam se alegrar com uma Igreja que busca nos caminhos da missão a sua mais profunda e autêntica identidade. Ao mesmo tempo, deveriam visitar seus projetos e seus respectivos papéis dentro de uma Igreja “em estado permanente de missão”, superando a dicotomia entre uma “igreja missionária”, em “terra de missão”, e uma “igreja não-missionária”, a princípio estabelecida em sua organização, mas nas maiorias das vezes irrelevante no seu contexto sociocultural. A opção pela missão deve apontar hoje pela geração de igrejas missionárias encarnadas e atuantes, e não mais pela implantação efêmera de estruturas religiosas de matriz europeia.

Os tempos líquidos de globalização e de pós-modernidade dissolvem muitas de nossas categorias essenciais e operacionais, e convidam a retomar a caminhada missionária na sua integridade, em todos seus aspectos, contextual e universal, paradigmático e programático, *ad intra* e *ad extra*, promoção humana e evangelização: uma visão orgânica e descolonizada que abrange toda a ação eclesial e todas as dimensões do ser humano. É nesse contexto que precisa chamar a atenção de nossas igrejas sobre a

dimensão universal da missão, para que elas não caiam na armadilha de fechar-se em si mesmas (cf. *DAp* 376) e, sobretudo, porque “a missão *ad gentes* deve ser o horizonte constante e o paradigma de toda a atividade eclesial” (*Bento XVI*).

Com efeito, a memória e a atuação *além-fronteiras*, que toda Igreja local é chamada a promover, oferece à missionariedade discipular um testemunho ousado de seguimento de Jesus e de adesão ao Evangelho, de despojamento e de entrega encarnada, de aproximação e de encontro com os pobres e com os outros, de reconhecimento e de cooperação com a ação de Deus na história. Oferece também o legado de uma assimetria proselitista e colonizadora que revivemos nestes dias no contato com as memórias da civilização asteca. Na encruzilhada em que nos encontramos, é urgente aderir a um projeto de Igreja sinal e instrumento de fraternidade, a partir do olhar das vítimas da violência institucionalizada dos processos coloniais de ontem e de hoje.

A perspectiva de uma missão decolonial convoca a todos a assumir uma atitude penitencial diante da ambivalência de nossas melhores intenções, e uma postura profética contra as dissimuladas estruturas de morte, abrindo assim caminhos desprendidos de vida, de partilha e de conversão.

Comprometemo-nos continuar essa reflexão para o próximo encontro do CEMLA, que acontecerá em Belém do Pará, Brasil, de 18 a 22 de fevereiro de 2019, aprofundando o tema: “Puebla 40 anos – Dar de nossa pobreza: a missão *ad gentes* a partir da América Latina”.

Cidade do México, 23 de fevereiro de 2018